

VESTINDO O SERTÃO: A INFLUÊNCIA DA BRINCADEIRA DO CAVALO MARINHO NO FIGURINO DO ESPETÁCULO FLOR DE MACAMBIRA

Dressing the hinterland: The influence of Cavalo Marinho in the costumes of Flor de Macambira

Tainá Macedo Vasconcelos
macedo.vasconcelos@gmail.com

Resumo: Entendendo que o figurino não tem apenas o papel de caracterizar as personagens, sendo também um elemento cênico significativo para a compreensão do espetáculo, o objetivo deste trabalho é compreender as relações entre o figurino do espetáculo “Flor de Macambira” do grupo SerTão Teatro e a indumentária utilizada no folguedo popular Cavalo Marinho.

Palavras Chave: Teatro, Figurino, Cavalo Marinho

Abstract: Knowing that the costume does not only dress and characterize the characters, but also is a stage signifier. The purpose of this work is to understand the relations between the costumes of the spectacle “Flor de Macambira” of the group SerTão Theatre and clothing used in the Brazilian folk dance Cavalo Marinho.

Keywords: Theatre, Costume, Cavalo Marinho

O FIGURINO E A ATMOSFERA TEATRAL

A montagem de um espetáculo teatral exige a elaboração de um conceito estético, pois é pela visão e audição que se estabelece a primeira relação no teatro entre público, atores e texto. Faz-se necessário essa identidade visual, para complementar, ou contrapor o que está sendo encenado. O figurino, a cenografia e a iluminação são os responsáveis por essa visualidade. A visão, durante todo o processo de montagem, desde a concepção até a produção, é o sentido responsável por observar e interligar os elementos do espetáculo. O olhar capta as cenas e a imaginação ocupa-se de recriá-las. Sendo assim, as roupas utilizadas em cena devem estar de acordo com a proposta visual do espetáculo. Esse conjunto de roupas é o que chamamos de figurino teatral.

Para Jean Jacques Roubine, “o figurino tem uma função específica, a de contribuir para a elaboração do personagem pelo ator, constitui também um conjunto de formas e cores que intervêm no espaço do espetáculo, e devem portanto integrar-se nele” (Roubine, 1998, p.146). Inserido na estrutura da personagem o figurino é uma camada superficial, que auxilia a contextualização das

personalidades, através das cores, formas e materiais adequados. Como explica Patrice Pavis:

“Hoje, na representação o figurino (...) multiplica suas funções e se integra ao trabalho de conjunto em cima dos significantes cênicos. (...) O figurino de teatro põe-se a serviço de efeitos de amplificação, de simplificação, de abstração e de legibilidade.” (PAVIS, 1999: 168).

O efeito de amplificação acontece quando se deseja dar maior atenção a determinada característica. Um adereço é capaz de simplificar a caracterização. A abstração é o reflexo da criatividade do diretor, que emprega um novo sentido, ao que está sendo usado. E a legibilidade está relacionada com a compreensão das características da personagem.

Para Pavis (1999, p.168), o figurino nunca deixou de existir no fazer teatral como elemento de identificação da personagem, mas até a modernidade a sua única função era caracterizar vestindo o ator. Os atores usavam as próprias roupas e tentavam reviver as personagens aproximando-as da sua realidade. Porém, a partir do século XX as renovações tecnológicas incidiram nas artes refletindo uma nova forma de compreensão da função do figurino, como significante cênico.

Sabendo que o figurino assume o papel de favorecer a construção da personagem, e deve estar em harmonia com a encenação teatral, recriando indumentárias históricas, ou apropriando-se delas para a criação de algo novo. Ao analisarmos o espetáculo “Flor de Macambira”, do grupo SerTão Teatro, verificamos a busca pelos folguedos brasileiros, principalmente o Cavalo Marinho, como fonte de inspiração visual e estímulos para essa montagem.

O CAVALO MARINHO E SUAS FIGURAS

O Cavalo Marinho é um folguedo popular do Nordeste brasileiro. A origem desse folguedo é desconhecida, mas é notável a semelhança com a brincadeira do Bumba Meu Boi. Luís Câmara Cascudo (1954, p.124) afirma que o Bumba Meu Boi é conhecido por vários nomes, como Boi Bumbá e Boi de Reis, esse é o folguedo mais popular no Nordeste brasileiro e que só exige um terreiro livre para a brincadeira acontecer. A visualidade deste folguedo é marcante nos tecidos coloridos, nas fitas e nas máscaras.

As roupas dos galantes, figuras dessa brincadeira, são brancas, e enfeitadas com pequenos espelhos circulares e fitas, e não usam nada no rosto, nem maquiagem, nem máscara. Já o trio cômico, Mateus, Bastião e Catirina, utilizam figurinos simples, na maioria das vezes, de chita, parecendo roupa velha, carregam um matulão nas costas, parecido com aqueles utilizados pelos retirantes, e que de certa forma auxilia no amortecimento das quedas, que essas figuras costumam levar (SANTOS, 2008, p.83), e pintam o rosto de preto, acentuando o branco dos olhos e dos dentes, sempre a mostra. As outras figuras, em sua maioria, segundo Érico José Souza de Oliveira (2006, p.325), seguem o esquema de calça, camisa e paletó, sendo o paletó e os sapatos, apenas para as figuras mais densas, e utilizam máscaras de couro e papel machê.

O SERTÃO E A FLOR

O SerTão Teatro, apesar de recente, pode ser considerado um grupo profissional e amadurecido na cena de paraibana, com sede própria e circulando por vários festivais nacionais de teatro.

O grupo, que trabalha de forma colaborativa, iniciou o processo de montagem do espetáculo “Flor de Macambira” com experimentos e alguns fragmentos do texto “O Coronel de Macambira” de Joaquim Cardozo. Esse texto reinventa a estrutura do folguedo do Boi, apresentando-se com o mesmo estilo e com algumas personagens.

A partir da leitura do texto, o grupo decidiu pesquisar os folguedos de Bumba Meu Boi e Cavalinho Marinho, e daí extrair músicas, danças e estímulos para as personagens. Profissionais e pesquisadores desta área auxiliaram o processo de montagem, como a Prof. Ms. Valéria Vicente, que proporcionou ao grupo “a consciência corporal e racional através da leitura e compreensão de textos teóricos sobre o cavalo marinho” (FEITOSA, In: STREVA, 2011, p. 61).

Essa montagem contou com a figurinista Daniele Geammal que além de compor o figurino em menos de um mês, permitiu que cada ator fizesse parte dessa criação, com suas opiniões.

INTERSEÇÕES ENTRE FIGURINOS

Para Stanislavski, (1997, p.94) “um ator deve saber como vestir e usar determinado traje, (...) [deve conhecer] os costumes e maneiras de diferentes épocas.” Alguns atores tratam o figurino como indumentária sagrada, ao colocar essa vestimenta o ator está pronto para a encenação. E o ato de conhecer vários costumes, facilita na hora de se colocar dentro de um figurino que não pertence a sua cultura. Na interseção entre o folguedo do Cavalo Marinho e o espetáculo “Flor de Macambira”, percebemos que os atores e atrizes do grupo SerTão Teatro se apropriaram da cultura popular do Brasil, com foco maior nas tradições nordestinas, região onde nasceu esse grupo, e essa aproximação está refletida na maneira com que os atores vestem os figurinos, com muita naturalidade.

Ao analisar esteticamente o espetáculo “Flor de Macambira” e o Cavalo Marinho, podemos classificar o figurino usado pelos brincantes do Cavalo Marinho como “figurino de performer” segundo Pavis (2003, p.167), que neste caso trata-se de uma roupa que não foi criada por um figurinista profissional, mas que foi construído historicamente pela comunidade e confeccionado tradicionalmente nos mesmos padrões. Em “Flor de Macambira”, observamos o figurino em função das especificidades da cena, além de ser criado por um figurinista propriamente para a personagem, por isso é considerado “figurino da personagem” (Pavis, 2003, p.167).

Nas duas linguagens, percebemos roupas práticas, cores, fitas e adereços simples, como características de ambos os figurinos estudados aqui, tanto a do folguedo popular como a do espetáculo teatral, porém é notável a diferença entre os dois. O figurino teatral aqui apropria-se de algumas características da cultura popular e as traduz para este espetáculo.

Catirina e Mateus

O casal protagonista do espetáculo se parece em muitos aspectos com a realidade de muitos enamorados na vida real. As dúvidas e os anseios são reais. E esse reflexo da realidade torna fácil a leitura da encenação pela platéia. Em relação ao Cavalo Marinho, a estrutura desses figurinos é praticamente a mesma, o que muda é que em “Flor de Macambira” existe uma inclusão de outros elementos mais modernos. Por exemplo, o Mateus no Cavalo Marinho veste uma calça comprida e uma camisa colorida e a Catirina, veste um vestido simples de chita, enquanto que

no espetáculo o comprimento da calça de “Mateus” é encurtado para o tamanho de um short, e a “Catirina” usa um vestido elaborado com aplicações nas costas e fendas nas laterais. Os tons claros do figurino dão harmonia e aproximam as personagens do nosso cotidiano.

Do ponto de vista artístico da apropriação de elementos como inspiração, podemos analisar uma relação com os figurinos dos brincantes do Cavalo Marinho, mas especificamente dos Galantes. Eles utilizam fitas de cetim na barra da bata que vestem, e essas fitas dão movimento e deixam a cena colorida. Nas mangas do vestido de “Catirina”, e no cós do short de “Mateus” existem pequenas tiras de tecidos coloridos, que remetem diretamente a essas fitas coloridas. Outro elemento é a bolsa onde “Catirina” carrega o Boi Encantado, que pode ser relacionada com o matulão carregado por Mateus, durante a brincadeira do Cavalo Marinho, onde ele carrega mantimentos durante a jornada.

Percebemos então uma relação de inspiração no figurino dos brincantes do Cavalo Marinho e a apresentação de uma releitura das figuras de Mateus e Catirina com o casal protagonista do espetáculo “Flor de Macambira”, e que o efeito obtido por esse figurino teatral é a simplificação, pois é capaz de fazer o público se identificar com essas personagens através da simplicidade do figurino.

O Trio Demoníaco e seus desdobramentos

Ao observarmos o “Trio Demoníaco”, percebemos que cada um deles representa quatro outros personagens, primeiro “El Coronel e seus capangas”, “O Bicheiro e dois serventes”, “O Padre, a Freira e o Coroinha”, “O Banqueiro, o Economista e o Marketing”, e por último “Caipora, Jaraguá e Babau”, e os figurinos estão relacionados ao efeito de amplificação. Entendemos por amplificação o ato ou efeito de aumentar, estender, alongar, tornar maior.

Lembrando que esse trio não existe no Cavalo Marinho, podemos discutir o trabalho do figurino sem referendar no folguedo.

Em cada trio representado existe uma coerência de tecidos e cores, e o efeito de amplificação se dá também pelo excesso de informação sobre a personagem. Têm também a função de legibilidade, ajudando a platéia a compreender as personagens através da associação aos seus respectivos estereótipos. No primeiro

trio, “El Coronel” além do bigode clássico, tem chapéu, chicote e um terno, esse visual refere imageticamente ao estereótipo do coronel mulherengo; no segundo trio, “o Padre, a Freira e o Coroinha” também vestem figurinos que reforçam os estereótipos religiosos sempre de forma exagerada, com a utilização de batas de cetim (tecido com brilho), passamanarias (bicos decorativos) e rendas; no terceiro trio, “o Bicheiro e seus Ajudantes” têm figurinos com estampas coloridas e o “Bicheiro” carrega no pescoço várias correntes de ouro, insinuando a riqueza da personagem; no quarto trio “o Banqueiro, o Economista e o Marketing” utilizam figurinos que comunicam uma ideia de formalidade com cores escuras e estampas formais, como a risca de giz (pequenas linhas brancas em um tecido escuro), além de enfatizarem essa formalidade com os modelos escolhidos, esse trio veste terno, colete e gravata; e no último trio dos animais da floresta, as máscaras são maiores do que o tamanho das cabeças dos atores dilatando assim a fisionomia da personagem, mas o figurino é o mesmo dos “demônios”.

Capitão

O “Capitão” é um personagem que assume por sua vez outras personagens dentro do espetáculo, além de narrar a história, ele também é coadjuvante dela, como Pai de Catirina e Músico. Enquanto função é possível relacionar com o Capitão do Cavalo Marinho pois, ele assume praticamente as mesmas responsabilidades, como a de conduzir os músicos e a história, além de representar uma figura.

O figurino do “Capitão” está repleto de símbolos abstraídos da contemporaneidade. Ele traz estampado em sua camiseta dizeres do profeta Gentileza, que ficou conhecido pelas pinturas nas ruas do Rio de Janeiro e pela frase “gentileza gera gentileza”. Outro exemplo disso é o corte saruel da calça que a personagem veste, e a torna moderna e o uso de ombreiras. Vale ressaltar que elas são feitas de chinelos de couro, e que por isso transmitem o contexto nordestino, por conta da produção desse tipo de calçado principalmente no sertão. Portanto, ao relacionar o figurino dessa personagem com o Cavalo Marinho, não encontramos nenhuma relação.

A junção de elementos contemporâneos e símbolos populares e tradicionais é responsável por permitir a essa personagem a fácil mudança entre personagens, pois ele não fica deslocado em nenhum dos contextos. Logo podemos afirmar que o efeito produzido por esse figurino é o de abstração, pois não existe a preocupação de representar literalmente cada personagem, com um figurino novo, e sim através de detalhes em um só figurino.

Feiticeira

A “Feiticeira” é na verdade uma velha sábia, que conhece os mistérios da vida, e aparece em cena para indicar à “Catirina” a cura para o seu amado, “Mateus”. O figurino dessa personagem é trabalhado em cima de uma cartela de cores reduzida, com pouca variação de tons beges. Ao entrar em cena numa carroça com ossos, a personagem se mistura aos ossos e parece mais um espírito do que uma mulher. O tecido desgastado do figurino, os longos cabelos desgrenhados e a maquiagem pálida reforçam essa ideia. E essas características distanciam a “Feiticeira” da realidade humana, obtendo assim o efeito de abstração da realidade humana, ao evidenciar um caráter místico da personagem.

Após a análise dos figurinos das personagens do espetáculo “Flor de Macambira” podemos afirmar que os fatores citados por Pavis (1999, p. 168), são encontrados da seguinte forma neste espetáculo: o efeito de simplificação está relacionado aos figurinos dos protagonistas, “Mateus e Catirina”, que se aproximam a realidade; o figurino e a maquiagem do “trio demoníaco” estão diretamente relacionados ao efeito de amplificação, por expandirem algumas características das personagens gradualmente (os cabelos vermelhos, os dentes proeminentes e o nariz projetado) e enfatizarem alguns estereótipos; o efeito de abstração, no que diz respeito ao distanciamento da realidade está relacionado ao “Capitão”, que mesmo utilizando símbolos contemporâneos, nos remete a uma personagem deslocada do cotidiano, e a “Feiticeira” que é uma personagem fantástica; o efeito de legibilidade está vinculado a capacidade de leitura e entendimento das personagens através dos figurinos, e isso está presente em todas as personagens.

Em relação ao figurino dos brincantes do Cavalo Marinho, percebemos que a visualidade presente no folguedo inspirou os figurinos de “Mateus e Catirina”, em

termos de estrutura. Quanto aos elementos é possível observar uma releitura do matulão de Mateus e das fitas dos figurinos dos Galantes, no figurino do espetáculo, além das cores fortes que formam o maior elemento de união entre essas duas linguagens. “Flor de Macambira” assume uma versão moderna dos elementos inspirados no Cavalo Marinho. As modelagens das roupas são contemporâneas, os tecidos e os aviamentos têm uma variedade maior, provocando um novo olhar e uma nova leitura sobre tais elementos do Cavalo Marinho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de criação de um espetáculo teatral o uso da pesquisa de figurinos é uma das principais ferramentas do encenador. Desde o trabalho realizado pelo Duque de Saxe-Meiningen, no século XIX, nas suas montagens que utilizavam a pesquisa histórica como referência para a concepção visual. O teatro do século XX foi marcado pela presença desta atitude de pesquisa como elemento fundamental da criação cênica.

É possível perceber como a apropriação de referências enriquece e contextualiza um trabalho. O teatro contemporâneo já não tem a preocupação de enaltecer o ator, o diretor ou o autor separadamente. O teatro que presenciamos hoje enaltece a encenação como linguagem que agrega elementos a seu favor, e esses elementos são humanos (diretor, ator, autor e técnicos), estéticos (figurino, maquiagem, cenografia, iluminação e sonoplastia) e literários (texto e dramaturgia). Nesse contexto, o teatro do século XXI herda todo o trabalho de pesquisa do século passado.

Em nossa pesquisa buscamos mostrar relações possíveis de inspiração, presentes em um espetáculo teatral moderno. Especificamente, buscamos entender a maneira como o folgado popular Cavalo Marinho pode influenciar, através de referências estéticas, um espetáculo, tomamos como base o espetáculo “Flor de Macambira”, do grupo SerTão Teatro. O nosso objetivo era verificar os pontos de encontro e de distanciamento entre os elementos cênicos e dramáticos. Do ponto de vista dos encontros, verificamos que os figurinos fazem referência indireta as indumentárias do folgado de Cavalo Marinho. Chamo de relação indireta, pois não se tratou de uma cópia daquelas vestimentas utilizadas no folgado em suas

apresentações. Do ponto de vista dos distanciamentos, verificamos que cada figurino foi reconstruído de acordo com as necessidades da cena, e também agregando outros elementos que não pertencem ao folguedo de Cavalo Marinho. É importante lembrar que não há a concordância de indumentária entre os vários grupos que executam o folguedo.

Nos figurinos percebemos o efeito de amplificação e legibilidade presente no Trio Demoníaco, de simplificação na Catirina e no Mateus, e o efeito de abstração no Capitão e na Feiticeira. Com essa análise identificamos as cores fortes, e a utilização de tecidos maleáveis como referências provenientes do Cavalo Marinho para todo o espetáculo. O figurino do casal protagonista, Mateus e Catirina, podem estar relacionados ao casal homônimo do Cavalo Marinho, pois a ideia de calça, camisa e vestido é uma referência direta ao folguedo, mas como observamos existe um estudo sobre as especificidades de cada personagem e a junção de outros elementos, não estando fixo ao Cavalo Marinho apenas. Outros elementos oriundos dessa relação são as fitas de tecidos que estão presentes em Catirina, Mateus, Trio Demoníaco e Capitão, fazendo relação com as fitas dos arcos e das batas dos Galantes e a bolsa que Catirina usa e que pode ser relacionada ao matulão dos retirantes.

Registramos assim, a importância das referências durante o processo de criação, pois um espetáculo sem referencial não tem profundidade, é superficial. Posso concluir que esse referencial pode ser teórico (adquirido através do estudo bibliográfico), técnico (adquirido através de experimentos práticos) ou imagético/sensorial (adquirido através da convivência com a cultura popular e a arte).

Ao final deste trabalho, concluímos que existem interseções criativas entre o espetáculo “Flor de Macambira” e a brincadeira do Cavalo Marinho. Porém o modo de criação se apropria também de outras características da cultura contemporânea, e isso é reflexo das inovações artísticas do século XXI. No teatro contemporâneo, a cada dia surgem novos caminhos, novas trajetórias e novas referências. Cabe a nós, artistas deste teatro, buscarmos fundamentação para a nossa arte, afim de alcançarmos um público maior.

REFERÊNCIAS

CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.

OLIVEIRA, Érico José Souza de. **A roda do mundo gira: Um olhar etnocenológico sobre a brincadeira do cavalo marinho estrela de ouro (Condado-Pernambuco)**. 2006. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. **A Análise dos Espetáculos**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ROUBINE, Jean-Jacques. **A Linguagem da Encenação Teatral: 1880-1980**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

SANTOS, Ivanildo Lubarino Piccoli dos. **Os palhaços nas manifestações populares brasileiras: Bumba-meu-boi, Cavalo-Marinho, Folia de Reis e Pastoril Profano**. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008.

STANISLAVSKI, Constantin. **Manual do Ator**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

STREVA, Cristina (Org.). **Em 3 Atos - Ser Tão Teatro**. João Pessoa: Rio de Janeiro: [s.n], 2011.